

ALTERNATIVAS EDUCATIVAS PARA ALUNOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: TRILHA INTERPRETATIVA ÀS MARGENS DO RIO URU, GOIÁS, BRASIL

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
UEG
ricardoassisgeo@hotmail.com

Angelita Lima
UFG
anja.angelita@gmail.com

1

RESUMO: A trilha interpretativa é um percurso de caminhada norteado metodologicamente, cujo objetivo é levar cada participante a trilhar (caminhar coletivamente) em busca de interpretações e saberes que envolvem a relação entre ser humano e meio ambiente, seja ele qual for: cidade, campo, praça, universidade, um rio ou uma floresta. Espera-se que a trilha interpretativa produza um movimento constante de aprendizagem e envolvimento, num impulso corpóreo de percepção, que permite enxergar as paisagens, os espaços e os territórios “trilhados”, analisados e estudados. Por consequência, este artigo é resultado de uma atividade pedagógica intitulada Trilha Interpretativa, realizada em preparação para a 6ª Descida Ecológica do Rio Uru, em Heitorai/GO. A intenção é fazer um relato geográfico da trilha como metodologia para se atingir uma narrativa da envolvimento ambiental e das experiências vividas pelos professores e alunos. Demonstra-se como essa prática propiciou a construção de espaços pedagógicos aglutinados com as vivências coletivas em torno do Rio Uru, que compõe a diversidade natural do Bioma-Território Cerrado em Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Trilhas Interpretativas; Diálogo de saberes; Alternativas educativas; Heitorai (GO); Rio Uru.

Introdução

A trilha interpretativa é um percurso de caminhada norteado metodologicamente, cujo objetivo é levar cada participante a trilhar (caminhar coletivamente) em busca de interpretações e saberes que envolvem a relação entre ser humano e meio ambiente, seja ele qual for: cidade, campo, praça, universidade, um rio

ou uma floresta. Espera-se que a trilha interpretativa produza um movimento constante de aprendizagem e envolvimento, num impulso corpóreo de percepção, que permite enxergar as paisagens, os espaços e os territórios “trilhados”, analisados e estudados.

Neste sentido, a trilha interpretativa descrita neste artigo buscou aproximar e intercambiar os estudantes e professores “trilheiros” aos saberes, experiências, memórias, sensações e olhares sobre o lugar estudado – o Rio Uru, em Heitoráí/Goiás. Essa trilha foi colocada em prática como alternativa pedagógica capaz de propiciar aos estudantes, professores e/ou qualquer participante, uma visão integrada à educação ambiental. Ou seja, fomentar uma compreensão abrangente sobre a relação sociedade e natureza a partir de uma perspectiva socioambiental sustentável. Ela também faz parte de um evento maior, a 6º Descida Ecológica do Rio Uru, que contou com apoio e participação de instituições como a Prefeitura Municipal de Heitoráí, Escola Estadual Dom Abel, Universidade Federal de Goiás e TV UFG.

O evento é também um ato político aglutinador de ações educativas na relação com o Rio Uru e o *Bioma-Território* Cerrado, localizado no Planalto Central brasileiro. Pode-se dizer também que a trilha interpretativa que compõe uma das atividades da 6º Descida Ecológica, constitui-se como importante recurso metodológico no ensino de geografia e nas práticas de educação ambiental. Cria possibilidades de ensino e criatividade que suplantam os limites da sala de aula e da própria escola. Em razão disso, aproxima-se do ambiente externo a escola, motivado por ações de intervenção calcadas numa compreensão socioambiental sustentável.

O grupo de estudantes se organizou em círculo ao comando de docentes e discentes da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Estadual de Goiás (UEG) para iniciar a trilha¹. Não é uma trilha ecológica nem sensitiva, adverte o líder aos adolescentes estudantes curiosos e ainda um pouco tímidos, na estrada do Varjão, em Heteráí, no interior do estado de Goiás. O lugarejo tem esse nome por causa do capim que nasce na área de várzea, ou seja, ambientes alagadiços localizados na margem do rio. Varjão é nome dado pelos sujeitos que habita este território, é nome com identidade. Várzea é a área bem às margens do rio que sempre sofre inundação e

¹ Esta atividade foi desenvolvida em parceria com projeto de extensão “Trilhas Interpretativas e Conexão de Saberes”, pelo PET/Geografia e pelo Núcleo de Estudos “Espaço, sujeito e existência” Dona Alzira, ambos coordenados pelo Professor Doutor Eguimar Felício Chaveiro.

acumula os minerais quando suas águas sobem. Quando elas baixam, deixam o solo bem fertilizado e a terra fica boa para o plantio.

Por consequência, este artigo é resultado de uma atividade pedagógica intitulada Trilha Interpretativa, realizada em preparação para a 6ª Descida Ecológica do Rio Uru, em Heitorai/GO. A intenção é fazer um relato geográfico da trilha como metodologia para se atingir uma narrativa da envolvimento ambiental e das experiências vividas pelos professores e alunos. Demonstra-se como essa prática propiciou a construção de espaços pedagógicos aglutinados com as vivências coletivas em torno do Rio Uru, que compõe a diversidade natural do *Bioma-Território Cerrado* em Goiás.

Alternativas pedagógicas para alunos e professores da Educação Básica: organização de trilhas interpretativas

Alunos e professores se posicionam nas proximidades do Rio Uru para dar os primeiros passos da atividade conhecida como trilha interpretativa (Foto 1). Uma aula de campo em forma trilha como exercício da *práxis* geográfica, aglutinado a dimensão pedagógica da intervenção da escola na sociedade local. Neste caso, levando os alunos um modo de aprenderem a geografia do rio sem se desprezar da geografia da vida. Bem comparando, parece que participar de uma trilha interpretativa é como aceitar o convite para dançar. Dançando se apreende o movimento; trilhando se aprende no movimento.

- O que eu estou fazendo aqui?

A pergunta é insinuada e parte de um jovem com aparência envergonhada por participar de uma trilha que ele ainda não sabe aonde nem como vai terminar, sob o comando dos professores. Certa inquietude combinada com o desejo de atravessar aquele desconhecido “método pedagógico”, a trilha interpretativa, compõe o clima. Eis que então, o “chão” poeirento daquela margem direita do Rio Uru, no Varjão, pisoteado pelos caminhantes e pelos pesados carretos de areia que passam todos os dias em busca da produção do leite, responde ao rapaz:

- você está emprestando seus pés para a história atravessar o tempo.

Foto 1 - Alunos e professores *trilheiros* em círculo, iniciando a trilha interpretativa no Varjão, rumo as margens do Rio Uru - Heitorai/GO.



Autor: Marcos, 2013.

Fonte: 6º Descida Ecológica do Rio Uru, 2013.

Aquele chão que ampara as águas do rio Uru quando a chuva é abundante - mas que na estiagem sente falta das águas das chuvas para amenizar a secura -, sabe pela força dos dias e pela amplitude do tempo que a história só anda com os pés de quem caminha. A história se faz pelo sujeito em ação no espaço, em sua geograficidade (DARDEL, 2011). Por isso credita-se força pedagógica à trilha, uma proposta de ensino- aprendizagem fundamentada no corpo que se movimenta e com a palavra que se lança ao vento seco e *ridico* daquela ensolarada manhã de setembro.

A trilha interpretativa realizada no ano de 2013, em Heitorai, às vésperas da 6º Descida Ecológica do Rio Uru, teve como tema: “Águas da palavra – rio da gente”. A missão proposta no âmbito das ações que envolveram as atividades realizadas foi a de abrir às e aos jovens estudantes da Escola Estadual Dom Abel, uma porta de entrada ao mundo do Rio Uru para conhecer sua história, suas leis e sua relação como povo do lugar. Eram quase 30 pessoas entre timoneiros/as (líderes da trilha) trilheiros/as e o

fotógrafo - que no dia seguinte, tornou-se o comandante dos remos das canoas no ato culminante do evento, que foi a descida do rio envolvendo alunos, professores e pessoas da sociedade local.

A trilha interpretativa iniciou-se no Varjão e a partir deste local, todos foram conduzidos (Foto 2) pela estrada principal até o Uru, obrigatoriamente passando pelas propriedades que ocupam sua planície, e que representam novas apropriações do território. Ocupação que revela uma disputa contemporânea do rio, ao mesmo tempo território de pertencimento e de lazer e também apropriado pelos interesses do *agrohidronegocio*² (MENDONÇA, 2010). Por outro lado, pagando módicas prestações, muitos/as heitoraienses puderam se inserir no rol de proprietários (ainda que pequenos) de um pedaço de terra com água, sonho de tantas pessoas que não podem mais desfrutar dessa relação com a natureza, hoje conhecida nas cidades vizinhas.

² Sobre o *agrohidronegocio*, Thomaz Júnior (2010, p. 97) explica que “o sucesso do agronegócio não pode ser atribuído somente à sua fixação à territorialização e/ou monopolização das terras, mas também ao acesso e controle da água, assim como as demais etapas da cadeia produtiva, comercialização etc. De forma consorciada, dispor de terra e água, mais ainda, controlá-las, possibilita ao capital condições para a prática da irrigação, o que reforça e intensifica a expansão territorial sobre as melhores terras para fins produtivos.”

Foto 2 - Alunos e professores coordenados por uma das timoneiras em uma área apropriada por proprietários de ranchos e chácaras no Varjão.



Autor: Marcos, 2013.

Fonte: 6º Descida Ecológica do Rio Uru, 2013.

Na medida em que os estudantes e professores (Foto 2) se aproximavam das margens do Rio, ia-se criando a envolvimento dos alunos com os usos e significados que compõem o Uru. A partir desta metodologia e sob a coordenação dos professores, a leitura das paisagens permitia proceder de análises geográficas da relação sociedade e natureza no processo de produção do espaço.

Os usos e apropriações do Rio Uru são múltiplos. Ranchos se multiplicam e os/as novos/as proprietários disputam com a mata ciliar um “lugar ao rio”, gerando desafios no âmbito da sustentabilidade socioambiental. No entanto, esse “jogo” é complexo e pode parecer contraditório pelas análises apressadas. Se os moradores da região não ocuparem esse lugar, as empresas e grandes fazendeiros certamente o farão e já o fazem em outras extensões do rio, como os projetos de irrigação das lavouras de cana, que abastecem as agroindústrias canavieiras, mercantilizando suas águas.

Por outro ângulo, o comércio da terra - incrementado pela função do rio enquanto mercadoria -, anima a especulação imobiliária geralmente destituída de

podores e compromissos socioambientais. Porém, a favor desse mercado é necessário também preservar. Nesse sentido, alguns desses proprietários se ocupam de repor a vegetação nativa, amenizando o assoreamento e o alargamento destrutivo do leito do rio pelas erosões.

Sabe-se, também, que o uso intenso do sistema de irrigação para lavouras pelo agronegócio é uma ameaça constante à “saúde” do Uru. Esse assunto foi bem explorado pelos/as trilheiros/as que participaram da trilha interpretativa nas margens do rio Uru, que a cada trecho percorrido, puderam perceber as múltiplas identidades do rio. A caminhada prosseguiu com desenvoltura e ascendência. Quanto mais distância percorrida, maior se tornava o envolvimento dos/as estudantes no tema.

Os desdobramentos dessa atividade transformavam aos poucos os olhares e as percepções dos estudantes. Nas conversas com esses jovens, descobria-se que muitos nasceram e sempre moraram em Heitorai/GO. Cresceram participando das sociabilidades que envolvem os usos e atividades festivas em torno do rio Uru. Há uma relação identitária e de pertencimento entre a sociedade local com esse rio. As águas que formam suas correntezas também carregam fragmentos de memórias, histórias e símbolos. Pode-se afirmar metaforicamente: o Rio Uru é um *Rio de pertencimento*.

Rio Uru, entre histórias e memórias narradas em Heitorai (GO)

Durante o primeiro semestre de 2013, o Programa de Educação Tutorial do Curso de Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), propôs em seu planejamento uma atividade de extensão que contemplasse a metodologia “Trilhas Interpretativas”. Para tanto, os componentes do Programa, precisavam ser capacitados para a realização desta atividade. Capacitados em um sentido burocrático, o que era preciso de fato seria o envolvimento do grupo; aprofundando em um estilo peculiar de ensino. Para isso bastava um convite: “Vamos trilhar as possibilidades de descobertas e aprendizados?”. A resposta positiva corroborava em aceitar a metodologia da percepção ou da sensação de teorias e práticas pedagógicas.

Ao longo do semestre, professores e alunos que participaram da execução e elaboração de projetos das trilhas ministraram minicursos sobre essa metodologia.

Foram apontados, diversos aspectos como as potencialidades, o efeito pedagógico, o efeito sensitivo, a fundamentação teórica e a envolvimento. Posta a compreensão sobre as trilhas interpretativas por intermédio de palestras e discussões, ao final do período inicial de “aprendizagem”, fora realizada uma trilha interpretativa experimental. Portanto, é preciso acentuar que a própria realização da trilha constitui-se num processo de conhecimento para quem a propõe; esse aspecto caracteriza uma boa prática de ensino de geografia.

Um dia após a trilha experimental, representantes do Programa de Educação Tutorial, alunos e professores da graduação e pós-graduação em geografia do IESA/UFG tiveram a oportunidade de participar e coordenar uma trilha interpretativa realizada no município de Heitorai/GO³.

Através da atividade e envolvimento com os participantes da atividade nas margens do rio Uru, categorias e conceitos geográficos como paisagem, território e lugar iam sendo apreendidos. Na trilha, os estudantes também conversavam com as pessoas do lugar, ouviam suas histórias, as narrativas acerca da relação com o rio. Desse modo, descobria-se também que o Rio Uru foi se transformando num *rio de pertencimento*. No entanto, as estações demarcadas pela metodologia da trilha contemplavam diversos aspectos e leituras geográficas, como a compreensão de hidrografia e hidrologia, a dimensão territorial do rio, a importância do Cerrado e por último, a estação memória, que fomentava a relação de pertencimento, que dava significância identitária ao rio.

A experiência da trilha consistia-se em um momento peculiar de formação de todos os envolvidos, professores e alunos. Destaca-se vários aspectos que deram cor a esse significado. Partindo de experiências subjetivas dos participantes, em primeiro plano, enfatiza-se a relação de pertencimento das pessoas que vivem em Heitorai com o rio Uru, assim como a grande maioria, ou quase todos, que ali trilhavam. Ali se desenham meandros que levam uma água testemunha! Testemunha de muitas infâncias

³ Na condição de aluna de geografia no IESA e por compor o PET/Geografia da UFG, alguns desses parágrafos expressam minhas experiências pedagógicas, exercitadas na trilha interpretativa no rio Uru. Por outro lado, também despertam olhares da própria vivência e relação de pertencimento com o Rio Uru em Uruana, onde cresci e morei por muitos anos. Por isso, em alguns trechos a ênfase em primeira pessoa singulariza as próprias percepções e envolvimento com esse Rio, que faz parte de minha vida e memória desde a infância.

no município “banhado” pelo rio; testemunha de histórias, lembranças, disputas, resistências, ou como diria Pelá e Mendonça (2010, p. 54) “(Re)Existências”, ou seja, “um processo de permanência, modificada por uma ação política que se firma nos elementos socioculturais. [...] as (Re)Existências são ações construídas no processo de luta pelos territórios da vida.”

Falava-se sobre o Rio Uru, que pertence à bacia hidrográfica do Rio Tocantins. Pertence! Contém-se! Mas dizem por aí que é o Rio de mais “*alguéns*”. Esse que tem sua nascente na divisa dos municípios de Mossâmedes e Americano do Brasil e, antes de suas águas atravessarem lugares e territórios em Heitorai, percorre os municípios de Itaberaí e Cidade de Goiás. Vai desaguar-se lá no Rio das Almas em Ceres.

Vejam bem, em torno do Rio Uru também há várias histórias, lendas e memórias, por isso, ele possui diferentes significados e representações, tanto para as populações que moram nos municípios por onde passa quanto pelos agentes que o apropriam e o mercantilizam. Por exemplo, com a chegada da moderna agricultura e seus pacotes tecnológicos, o Rio Uru torna-se um território de disputas, sofre pressões da monocultura da cana de açúcar, dos tratores que arrancam suas matas ciliares, das queimadas e dos agrotóxicos que contaminam suas águas.

O território do *Moleque D’água*, que habita as profundezas de suas águas e que apavora os pescadores, como narram as lendas populares. O rio Uru tornou-se também território da cana, da melancia, dos pivôs e das pastagens. Território de dragas modificando seus leitos. Território de lazer nos finais de semana, de turismo rural ecológico. Portanto, território em disputa conforme as diferentes estratégias que envolvem sua apropriação.

Às vezes, o Rio se “revolta” - dizem as populações tradicionais que vivem na região - levando um de seus banhistas para esse território de rochas e alguns paredões. Pedra sobre pedra, e o rio sem cílios (matas ciliares) enxerga um território imobiliário: “Vende-se Lotes na Região do Rio Uru”, diz a placa fincada na lembrança de um Rio Uru de sujeitos.

Porém, as águas e as margens do Rio Uru possuem significados indissociáveis da vida e da memória da população que vive em seu entorno. O Rio Uru é também um *Rio de Memórias*.

Chegando à *prainha*, todos margearam as águas correntes do Rio conectados por um barbante de algodão (Foto 3) que funcionou como um elo entre histórias e as memórias vividas pelos/as trilheiros/as. Na última parada da trilha, podia-se ouvir as histórias do *lugar-rio-Uru*. Partiu-se do pressuposto de que a aprendizagem ocorre quando a experiência do vivido passa a ser narrada. Entrava-se em busca dessas narrativas, pois

[...] experiências são as histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem histórias e, no contar dessas histórias, as reafirma. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades. (CLANDINI e CONNELLY, 2011, p. 27).

Foto 3 - Alunos e professores conectados por um barbante, que representa simbolicamente o elo de histórias e memórias vivenciados pelos(as) trilheiros(as) em direção às margens do Rio Uru.



Autor: Marcos, 2013.

Fonte: 6º Descida Ecológica do Rio Uru, 2013.

A narrativa como modo de constituir aprendizagem leva a considerar que a história se faz com as experiências que são registradas, contadas a partir do vivido. E, assim, ela alcança a permanência no tempo. Da mesma forma, o olhar geográfico que busca uma leitura do espaço pela via da existência e do vivido, não pode prescindir da narrativa, do relato e da experiência. Dessa forma, sujeito e lugar tornam-se conexões basilares da existência. Pois convém reparar: não há o sujeito sem o lugar nem lá lugar sem o sujeito. O lugar é onde a vida acontece e é constituído dos porquês desse acontecimento. Ou seja, o lugar só é lugar porque nele há relações sociais (políticas, econômicas, amorosas, afetuosas). O rio é um lugar atravessado pelas relações sociais.

Os sabores e os dissabores também são tecidos nos lugares. A memória, também, é bordada pelos lugares. O lugar (e suas relações) sustenta a memória, os resíduos do vivido. O lugar mostra o sujeito na sua singularidade e especificidade. E o sujeito constrói o lugar pela ação consciente ou residual. Nele torna-se potência. Pensar o lugar como o *lugar da existência* e do suporte para o sujeito é considerar a sua dimensão tensa e conflituosa, sua dimensão territorial e política; de prazeres e disputas. Por isso, a última estação (parada) da trilha interpretativa foi dedicada à memória do Rio:

Memória

Memória é feita de lembrança vivida e, também, não acontecida.

Memória faz a gente rever o passado e pensar no futuro,

enquanto estamos no hoje, no sendo...

Diante destas águas vamos exercitar nossa memória.

Memória de um e de todos.

Memória individual e coletiva.

Memória rima com história.

Quanta história carrega o rio Uru?

Ave Uru!

Histórias de enchentes e de seca.

Histórias de amor, de gente, de bicho e de planta.

História de fome, de prazer, de trabalho, de medo e de coragem.

História de beleza e de lixo. A morada dos peixes e as histórias de pescadores!

O leito desse rio abriga tantas histórias quanto o tempo vivido em suas margens.

Vivido e lembrado:

O tempo da infância e da velhice.

O tempo do trabalho e do descanso.

Suas margens já foram abrigo das lavadeiras, das parteiras,

Dos Boiadeiros, tropeiros. Os lavradores ainda buscam em seu leito o mistério da força para continuar seguindo, sempre.

Seu leito seduz barqueiros, canoeiros, banhistas, namorados.

Até as grandes lavouras que sugam suas águas, são abrigadas pela sua generosidade e abundância. O rio não discrimina. Mas o rio chora e clama por sua memória.

Então, quem conta a história desse rio?

Em círculo de envolvimento (Foto 4), a leitura do poema por um dos timoneiros (participantes da trilha) foi também chamamento para que todos pudessem contar suas histórias sobre o Rio, senti-lo enquanto parte integrada da vida que pulsa no Cerrado. Seus múltiplos usos e signos.

Foto 4 - Trilheiros(as) em círculo nas margens do Rio Uru e leitura do poema *Memória* pelo líder da trilha ao centro.



Autor: Marcos, 2013.

Fonte: 6º Descida Ecológica do Rio Uru, 2013.

A Trilha Interpretativa no Rio Uru, assim como os minicursos sobre o Cerrado e os povos que viveram e vivem neste ambiente, compõem um evento maior. Neste sentido, a Trilha é uma aprendizagem que se prolonga com outra atividade educativa - a Descida Ecológica do Rio Uru - que reúne moradores locais e de cidades vizinhas, jovens e velhos, pobres e ricos, homens e mulheres, formando uma ação coletiva em torno duma causa: a proteção ambiental do Rio Uru contra aqueles que o agridem e o poluem.

Na rota dos ipês: descida ecológica do Rio Uru

Diversos municípios são banhados pelo Rio Uru em Goiás, como Mossâmedes, Cidade de Goiás, Itaberaí, Heitorai, Itapuranga, Uruana e Carmo do Rio Verde. Por isso, além de constituir-se como um dos principais complexos de águas da bacia do Rio Tocantins,

o Uru é um importante gradiente de vida no Cerrado do território goiano. No entanto, a multiplicação dos níveis de desmatamentos, assoreamentos, as pressões de ranchos e chácaras em suas margens, a ação poluente dos lixos, dragas de extração de areia, uso indiscriminado de agrotóxicos e os projetos de irrigação do *agrohidronegócio*, colocam em risco a sustentabilidade socioambiental desse exuberante rio. Assim, emerge a necessidade de práticas educativas e movimentos que representem forças sociais a favor das condições qualitativamente adequadas do ponto de vista socioambiental. Isso é um dos elementos que orientaram e justificaram a 6ª Descida Ecológica do Rio Uru.

O evento ocorreu no mês de setembro de 2013 e contou com o apoio e participação de professores e alunos da Universidade Federal de Goiás (UFG), Escola Estadual Dom Abel, TV UFG, e a Prefeitura Municipal de Heitorai/GO. O período – mês de setembro – é também um momento festivo, ou seja, de comemoração do dia nacional do Cerrado⁴. Esse aspecto reforça ainda mais o sentido simbólico, educativo e político da 6ª Descida Ecológica. Assim, um dos seus organizadores, o professor e geógrafo do IESA/UFG, Dênis Castilho, disse em entrevista na TV UFG: *“Dia 11 de setembro é o dia do Cerrado e o Rio Uru se localiza aqui na região central, no coração do Cerrado. Ele pertence a esse complexo de águas desse Bioma.”* Quanto aos objetivos do evento, o professor Dênis Castilho ainda afirma que *“conhecer é o primeiro passo. O segundo passo é a mobilização, como o exemplo desse evento. O terceiro passo é a ação, daí a parceria público e privada, a parceria com os proprietários, a parceria de diferentes instituições, como por exemplo, as escolas e universidades.”*

Também entrevistado pela TV UFG, o professor e geógrafo do IESA/UFG, Eguimar Felício Chaveiro, complementou que a Descida Ecológica, *“tem o papel de distribuir saberes e agregar esses saberes à comunidade. Tem o papel de fermentar e mobilizar como num campo de forças, reunindo as forças possíveis junto com a universidade, junto com o conhecimento científico, fazer as defesas e combater os agressores.”*

⁴ No contexto dessa cada comemorativa – 11 de setembro -, conforme a WWF (2013, p. 1) *“Apesar das agressões impostas ao longo de cinco décadas, a “caixa d’água do Brasil” ainda abastece grandes aquíferos e bacias hidrográficas, inclusive para a Amazônia e Mata Atlântica. Associando essa riqueza à tecnologia, 40% do Cerrado estão ocupados pela agropecuária. Ao todo, já perdeu metade da vegetação original, e o restante está muito fragmentado.”*

As trilhas interpretativas foram fundamentais para fomentar a percepção e a envolvimento ambiental dos alunos e dos coordenadores da atividade em torno do Rio do Uru e de forma mais ampla, também do *Bioma-Território Cerrado* (CHAVEIRO, 2008). Por isso, além da trilha nas margens do Rio Uru, outra Trilha foi realizada com foco no Cerrado, sua formação fitofisionômica, processos de apropriação e disputa, a territorialização do *agrohidronegocio* e os desdobramentos na vida e no trabalho dos *Povos Cerradeiros*⁵ (MENDONÇA, 2007). Essas atividades colocaram na legenda das ações práticas socioambientais capazes de mobilizar a sociedade e as instituições em torno da descida ecológica do Rio Uru de canoas e botes, que representou o momento culminante do evento. (Foto 5).

⁵ Compreende-se esses povos (indígenas, quilombolas, camponeses, trabalhadores da terra propriamente tradicionais, etc.) como aqueles que historicamente viveram e vivem nas áreas de Cerrado, constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações naturais-sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais. Entretanto, o que os diferencia além da perspectiva de se manterem na terra, constituindo modos de ser e de viver é a ação política na defesa da terra de trabalho e da reforma agrária a partir de diversos elementos, dentre eles a cultura como determinante de ações políticas de cariz revolucionária. (MENDONÇA, 2007, p. 27).

Foto 5 - A rota dos ipês: descida ecológica do Rio Uru, em Heitoraí – Goiás.



16

Autor: LIMA, A.; 2013.

Fonte: 6º Descida Ecológica do Rio Uru, 2013.

Percebeu-se que a descida ecológica no Rio Uru criou uma envolvimento ambiental com a sociobiodiversidade do Cerrado de maneira geral. As canoas e botes deslizaram como as flores dos ipês sobre as águas do Uru, com jovens e velhos, homens e mulheres, gente local ou de outras cidades. Grupo de familiares e amigos observava os canoairos das margens – *o Rio Uru ficou em festa*. Um dos aspectos que deixou isso bem evidente correlaciona com o fato de que o Cerrado compõe o ambiente da vida dos sujeitos – alunos, familiares e professores que participaram do evento – por isso, a interação deles com as trilhas e a descida mapearam novos olhares e interpretações.

Quem participou do evento sentiu as vibrações do *Rio em festa*, num espaço em que os pobres e os trabalhadores também criam sociabilidades numa relação festiva nas margens do Uru. Esses aspectos demonstram que a descida ecológica potencia percepções e deixa evidente que o Rio envolve componentes da cultura e da memória.

Contudo, a apropriação do Rio é eminentemente política, aqueles que sentem as pulsações da vida ali, compreendem mais profundamente os efeitos dos grandes projetos de irrigação ou construção de hidrelétricas, ou seja, a lógica do *agrohidronegócio* que expropriam pessoas e comunidades, transformando os rios cerradeiros em fontes de negócios lucrativos. Na medida em vivenciávamos o Rio Uru, também passávamos a nos sentir pertencentes a ele, e esses aspectos pesaram ainda mais sobre nossas percepções.

Há uma aprendizagem ambiental com a descida ecológica. É um ato coletivo. Ela tem uma intencionalidade política e pedagógica, é um modo de apropriação do rio. Revela paisagens, histórias, movimentos de ocupação e pertence. Permite constituir outras histórias, outras narrativas, outras versões sobre o rio - rio de pertencimento, rio de memórias, rio de festas, rota dos ipês, espelho de flores. Como afirmou um dos participantes no momento da descida ecológica: “*estamos no engajamento nas águas do Uru.*”

Por conseguinte, com a realização das trilhas interpretativas e a descida ecológica do rio Uru, professores e pesquisadores ligados a universidades públicas de Goiás em parceria com professores e alunos da Educação Básica do município de Heitoraiá (GO) demonstraram a importância de se relacionar a busca e a prática de alternativas pedagógicas com ações de intervenção/extensão.

Considerações Finais

Uma cena marcou o final da atividade, quando o ônibus escolar recolheu os estudantes e professores na beira do rio Uru para voltarem à escola e à cidade. Uma estudante, entre os presentes, escrevia solenemente em caderno escolar. Ao ver que estava sendo notada, soltou a frase: “professores, eu estou anotando tudo o que aprendi”. Suspiro aliviado: - deu certo! A missão havia sido cumprida. Do início da caminhada até o retorno, o processo de aprendizagem havia se instalado exatamente pela subversão da sala de aula como espaço privilegiado para o ensino formal.

O corpo estava cansado, porém reequilibrado pelas lembranças, pelos novos conteúdos construídos em forma de narrativas e pelo futuro que se apontava para esses pequenos estudantes. A história do rio Uru lembrada e contada, agora se tornava texto

no caderno daquela estudante. Essa cena revela, por ela mesma, a conclusão da qual não se pode escapar: as narrativas constituem aprendizagem e a trilha interpretativa é um modo de se atingir narrativas primeiras, narrativas originais da experiência de um povo que vive ali. A trilha se encerrou com um ritual em agradecimento ao Rio Uru. Uma *oração* declamada em posição de respeito e contemplação:

Agradecimento ao rio

Às suas margens, rio Uru, nos dobramos à sua magnitude
e agradecemos sua força e resistência para continuar sendo o território de nossa história,
o berço que nos embala para o futuro.

Agradecemos à sua arte de carpintaria que entalha e emoldura nossas cidades,
nossos campos e nossa vida.

Agradecemos ao Uru, o rio-paisagem de nossas memórias,
por sua sutileza e discrição ao guardar em seu leito
nossos pecados e nossas confissões.

Agradecemos ao rio Uru, patrimônio de nossos avôs
pelos bons momentos que pudemos viver aqui hoje.

As experiências pedagógicas da trilha interpretativa e da descida ecológica do Rio Uru contribuíram para fortalecer práticas pedagógicas e ambientais capazes de reunir pessoas e instituições num mesmo ato coletivo de mobilização e proteção dos recursos naturais no Cerrado - a 6ª Descida Ecológica do Rio Uru, em Heitorai/GO. Reuniram uma multiplicidade de saberes, despertou sensibilidades, olhares e novas percepções, como os riscos socioambientais representados pela apropriação e mercantilização dos *rios cerradeiros*. Por isso, esse evento possui uma dimensão educativa e política, que faz da geografia um importante instrumento de ensino, capaz de revelar as contradições da sociedade e das estratégias de apropriação da natureza.

Referências

CHAVEIRO, E, F. O Cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, M, G de.; CHAVEIRO, E, F.; BRAGA, H, C. **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia, Vieira, 2008. p.75-97.

CLANDININ, D. J; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história e pesquisa qualitativa**. Uberlândia, EDUFU, 2011.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MENDONÇA, M, R. O agronegócio nas áreas de Cerrado: impasses, preocupações e tendências. 2007. In: **II FORUM DE C&T NO CERRADO**. Impactos econômicos, sociais e ambientais no cultivo da cana de açúcar no território goiano. Goiânia/GO, 05 de Out./2007.

_____. Complexidade do espaço agrário brasileiro: o agrohídronegócio e as (Re)Existências dos Povos Cerradeiros. São Paulo, **Terra Livre**, Ano 26, V.1, n. 34 p. 189-202 Jan-Jun/2010.

PELÁ, M.; MENDONÇA, M. R. Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Org.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p.50-70.

THOMAZ JUNIOR, A. **O agrohídronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI**. CAMPO-TERRITÓRIO, Uberlândia/MG, v.5, n.10, ago. 2010. p. 92-122.

WWF. **Dia do Cerrado**. 2013. Disponível em: http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/cerrado/diadicerrado/. Acesso em: 17 de Out./2013.